



FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA EQUATORIAL-FATEBE
DEPARTAMENTO DE TEOLOGIA
CURSO DE BACHARELADO EM TEOLOGIA

KLEBER ANDRADE SOARES

ADORAÇÃO NA PERSPECTIVA DA PARÁBOLA DO BOM SAMARITANO

BELÉM-PARÁ
2015



FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA EQUATORIAL-FATEBE
DEPARTAMENTO DE TEOLOGIA
CURSO DE BACHARELADO EM TEOLOGIA

KLEBER ANDRADE SOARES

ADORAÇÃO NA PERSPECTIVA DA PARÁBOLA DO BOM SAMARITANO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Teologia pela Faculdade Teológica Batista Equatorial, sob a orientação do Prof. Antonio Carlos.

BELÉM-PARÁ
2015

KLEBER ANDRADE SOARES

ADORAÇÃO NA PERSPECTIVA DA PARÁBOLA DO BOM SAMARITANO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Teologia pela Faculdade Teológica Batista Equatorial, sob a orientação do Prof. Antonio Carlos.

Banca Examinadora:

1. _____

Professor Orientador

2. _____

Professor Avaliador

3. _____

Professor Avaliador

4. _____

Professor Orientador

Aprovado em: ____/____/____

Conceito: _____

Ao Deus todo poderoso, a minha família, amigos, aos meus professores e mentores.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por sua infinita bondade, misericórdia, amor e graça dispensados a nós;

Aos meus familiares pela força e incentivo ao longo de todos os momentos vividos nesse curso;

Aos meus amigos e irmãos em Cristo por suas orações e incentivos;

Aos professores da Fatebe, em especial ao Prof. Antonio Carlos, que contribuíram para nosso desenvolvimento e formação acadêmica e espiritual;

Aos missionários Pr. Luís Gonzaga e Auridéia Ferreira por serem instrumentos usados por Deus no processo de capacitação de liderança, no qual estou inserido;

A todos que contribuíram, direta ou indiretamente, na elaboração desse trabalho.

“Refletir hoje sobre a adoração de Jesus levará os cristãos a uma descoberta mais profunda de Deus e daquilo que são chamados a ser na graça redentora de Deus.” **Larry W. Hurtado**

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo mostrar, a partir de uma perspectiva, o real sentido da adoração a Deus. Na primeira parte do primeiro capítulo é enfatizada a definição e os princípios para a adoração, atribuindo como material de estudo os primórdios da adoração no Antigo Testamento. A partir daí se obtém uma visão geral de como procedeu o início da adoração, com as leis e decretos cerimoniais. Já a partir da segunda parte do primeiro capítulo em diante, é dada ênfase à reinterpretação dada por Jesus nos Evangelhos, como também, os resultados daquilo que Ele falou e viveu refletido na igreja do Novo Testamento. O estudo da Parábola do Bom Samaritano dá uma dimensão de como se deve prestar a Deus uma adoração verdadeira. A passagem de Lucas 10:25-37 amplia o horizonte visual daqueles que possuem uma mentalidade ou compreensão limitada do termo adoração. E por último, aplicaremos a mensagem de Jesus ao nosso contexto atual para a que o propósito do Ensino Bíblico, em termos de adoração, seja uma realidade nas nossas ações e atitudes para com Deus.

Palavras-chave: adoração, serviço, amor, atitude.

ABSTRACT

This paper aims to show, from one perspective, the real meaning of worshipping God. In the first part of the first chapter is emphasized the definition and principles for worship, giving as study material beginnings of the worship in the Old Testament. From there you get an overview of how proceeded the beginning of worship, with the laws and ceremonial ordinances. Early as the second part of the first chapter on, it emphasized the reinterpretation given by Jesus in the Gospels, as well as the results of what he spoke and lived reflected in the New Testament church. The study of the Parable of the Good Samaritan gives a dimension of how to render to God a true worship. The passage in Luke 10: 25-37 expands the visual horizon of those who have a mindset or limited understanding of the term worship. Finally, we will apply the message of Jesus to our current context for the purpose of Bible Teaching in worship suits, is a reality in our actions and attitudes toward God.

Keywords: adoration, service, love, attitude.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

1. UMA VISÃO PANORÂMICA DA ADORAÇÃO.....	13
1.1. DEFINIÇÃO DE ADORAÇÃO.....	13
1.2. ANTIGO TESTAMENTO: LEIS E DECRETOS PARA ADORAÇÃO.....	14
1.2.1. O princípio da obediência.....	16
1.2.2. A relevância da lei para a nação de Israel.....	16
1.2.3. Adoração antecedente ao tabernáculo.....	17
1.2.4. Cerimonial ritualístico baseado na lei.....	18
1.3. NOVO TESTAMENTO: PRÁTICAS DA COMUNIDADE CRISTÃ DO PRIMEIRO SÉCULO.....	20
1.3.1. A adoração dos cristãos controlada pelo Espírito Santo.....	21
1.3.2. O serviço no Corpo de Cristo.....	23
1.3.3. A prática do amor ou caridade.....	25
2. O PRISMA DA ADORAÇÃO NA PERSPECTIVA LUCANA.....	28
2.1. O DIÁLOGO ENTRE JESUS E O MESTRE DA LEI.....	29
2.1.1. O perfil do mestre da lei.....	29
2.1.2. A importância da lei para conduta pessoal e sua relevância no conceito de vida eterna.....	30
2.1.3. O motivador do diálogo.....	32
2.1.4. As respostas de Jesus e suas intenções com relação à adoração.....	32
2.2. A PARÁBOLA DO BOM SAMARITANO.....	33
2.2.1. Contexto da parábola.....	33
2.2.2. O perfil dos personagens.....	34
2.2.2.1. O viajante, um necessitado.....	34
2.2.2.2. A pureza e a santidade do sacerdote.....	35
2.2.2.3. O levita e suas obrigações litúrgicas.....	37

2.2.2.4. O exemplo dado pelo samaritano - uma adoração prática.....	
.....	37
3. A REALIDADE DO CULTO ATUAL E OS DESAFIOS NA APLICAÇÃO DO MODELO BÍBLICO.....	39
3.1. CONTEXTUALIZANDO LUCAS 10: 25-37 PARA NOSSOS DIAS.....	39
3.1.1. Os religiosos dos nossos dias (sacerdote, levita, doutor da lei). Quem são eles ?.....	39
3.1.2. Os homens caídos dos nossos dias. Quem são e o que fazer com eles.....	40
3.2. AS CONSEQUÊNCIAS DE UMA ADORAÇÃO SEGUNDO A PARÁBOLA D O BOM SAMARITANO.....	41
3.2.1. Na sociedade, na igreja e para com Deus.....	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
BIBLIOGRÁFIAS.....	43

BIBLIOGRAFIAS

ARCHER JR. Gleason L. **Merece Confiança o Antigo Testamento**. 3. Ed. São Paulo: Vida Nova, 2005.

BAILEY, Kenneth. **As parábolas de Lucas**. Tr. Adiel Almeida. São Paulo: Vida Nova, 2005.

BARCLAY, Willian. **Lucas**. p. 20. E-book Disponível em:
<[<www.aibrern.com.br/index.php/.../27-Lucas?...154:Lucas%20\(Barclay\)>](http://www.aibrern.com.br/index.php/.../27-Lucas?...154:Lucas%20(Barclay))>

BOYER, O. S. **Pequena Enciclopédia Bíblica**. São Paulo: Vida Nova, 1995.

COELHO, Isaltino Gomes. **O Espírito Santo nos ensinamentos de Jesus**. Rio de Janeiro: JUERP, 2006.

CORNWALL, Judson. **Adoração como Jesus ensinou**. Tr. Mirna Talitha. Minas Gerais: Betânia. 1995.

DORNAS, Lécio. **Pregando sobre o Espírito Santo**. Revista Pregação & Pregadores, Rio de Janeiro, RJ, n. 4, dez. 2012.

ELLISEN, Stanley A. **Conheça Melhor o Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1993.

GUNDRY, Robert H. **Panorama do Novo Testamento**. Tr. João Marques. São Paulo: Vida Nova, 1981.

HALE, Broadus David. **Introdução ao Estudo do Novo Testamento**. Rio de Janeiro: JUERP, 1983.

KAISER Jr., Walter. **Teologia do Antigo Testamento**. Tr. Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1980. p. 121.

LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento**. Tr. Degmar Ribas. 2. Ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1993.

LOCKYER, Herbert. **Todas as parábolas da Bíblia**. São Paulo: Editora Vida, 2006.

MARTIN, R. P. **Adoração na Igreja Primitiva**. Tr. Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1964.

MERRIL, Eugene H. **Teologia do Antigo Testamento**. Tr. Helena Aranha, Regina Aranha. São Paulo: Shedd Publicações, 2009.

MORRIS, Leon L. **Lucas - Introdução e Comentário**. São Paulo: Vida Nova, 2003.

SANTOS, Jonathan F. **O Culto no Antigo Testamento: sua relevância para os cristãos**. São Paulo: Vida Nova, 1986.

SILVA, Átila. **Multiplique fazendo discípulos e plantando igrejas**. Revista Pregação & Pregadores, Rio de Janeiro, RJ, Edição Especial - Junta de Missões Nacionais, dez. 2014.

SCHUTZ, Samuel J. **A História de Israel no Antigo Testamento**. Tr. Daniela Raffo São Paulo: Vida Nova, 2005.

SHEDD, Russell P. **Adoração Bíblica**. São Paulo: Vida nova, 2003.

DOUGLAS, J.D., SHEDD, R.P., BRUCE, F.F., PACKER, J.I., TASKER, R.V.G, WISEMAN, D.J. **Novo Comentário da Bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 1981.

SMITH, Ralph L. **Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2001.

INTRODUÇÃO

O tema adoração é um dos mais discutidos e abordados no meio acadêmico teológico, como também, nas igrejas cristãs em suas pluralidades doutrinárias. O que torna essa temática tão relevante está no alicerce, na base de toda a verdade contida nas Escrituras Sagradas. Como exemplo desta singularidade de ordem eterna, vemos que antes de o mundo existir já se adorava o único e poderoso Deus. Este culto prestado a Ele era realizado pelos seres celestiais (anjos e arcanjos), os quais foram criados por Deus. O ponto comum em toda criação, seja no plano celeste ou terreno, é a adoração a Deus, pois Ele é: “digno de receber glória, honra e poder, pois criaste todas as coisas; por tua vontade elas foram criadas e existem”. Sendo assim, todas as motivações e intenções, em termos de relacionamento, do homem para com Deus, fundamenta-se na adoração, pois a humanidade foi criada por Ele e para Ele.

Atualmente quando tratamos do tema “Adoração”, sempre associamos o mesmo ao local ou momento em que a igreja está reunida com o propósito de cultuar a Deus através dos louvores. Apesar dessa definição, em parte, está certa não expressa à plenitude ou a essência da adoração.

A adoração é muito mais que cantar hinos, bem mais do que ir ou participar de cultos ou atividades na igreja, é maior e mais amplo que um simples momento de poucas horas, é mais rico que um ato de fechar os olhos e levantar as mãos para o alto, é mais profundo que uma mera expressão visível aos olhos humanos, enfim, grande parte do que vemos, presenciamos e vivenciamos, se quer se aproxima de uma adoração genuína, sincera e verdadeira.

O tema desta monografia aponta para um relato ou ensinamento Bíblico que Jesus Cristo nos deixou em forma de parábola. Essa pequena história nos deixa algo muito precioso que, colocado em prática, nos leva há um patamar de intimidade e comunhão com Deus. Esse texto da Palavra é de grande relevância para a nossa conduta como cristãos, pois nos direciona a vontade de Deus.

No presente trabalho enfatizaremos a definição e os princípios para a adoração, atribuindo, inicialmente, como material de estudo os primórdios da adoração no Antigo Testamento. Assim poderemos ter uma visão geral de como procedeu o início da adoração, com as leis e decretos cerimoniais. Também daremos destaque à reinterpretação dada por

or Jesus nos Evangelhos, como também, os resultados daquilo que Ele falou e viveu refletido na igreja do Novo Testamento. E por último, aplicaremos a mensagem de Jesus ao nosso contexto atual para que o propósito do Ensino Bíblico, em termos de adoração, seja uma realidade nas nossas ações e atitudes para com Deus.

1. UMA VISÃO PANORÂMICA DA ADORAÇÃO

Entender o real sentido da palavra “adoração” permite-nos compreender algumas práticas presentes no cotidiano do povo e na vida de alguns personagens Bíblicos. Durante a história há uma profunda manifestação de atitudes que se constituem como atos de adoração. Ao iniciar esse trabalho é de grande importância atentarmos para o significado do termo “adoração” levando em consideração os relatos Bíblicos do Antigo e Novo Testamento.

1.1. DEFINIÇÃO DE ADORAÇÃO

Se levarmos em consideração a definição contemporânea de adoração ficaríamos retidos ou limitados as expressões presentes nas reuniões dos templos. Para entendermos o real significado do termo “adoração” temos que nos aprofundar em um breve estudo etimológico da palavra. Só assim, poderemos atribuir um conceito ou uma definição coerente as Santas Escrituras.

O vocabulário que faz referência a adoração é muito grande, podendo haver algumas vertentes. Iremos pontuar dois termos, os quais estão mais presentes nas passagens Bíblicas e que são expressos nas ações dos personagens. O primeiro deles é “*hisahawâh*” (hebraico) que significa curvar-se ou prostrar-se. Esse termo é muito usado no Antigo Testamento quando há uma atitude de humildade e reverência por parte dos servos de Deus. Vemos o uso deste em trechos Bíblicos que narram momentos individuais (Gn 24:26) ou em grupo (Sl 42:4), onde há uma devoção a Deus. Isso se torna claro nas cerimônias do tabernáculo e do templo. O que é bom salientar é a sinceridade e verdade nas ações dos personagens no momento de se prostrarem (Ex 33:9-34:8). Não era algo fingido, nem superficial, era algo intenso e genuíno. O outro termo muito utilizado era “*abodâh*” (hebraico) ou “*latreia*” (grego) presentes no Antigo e Novo Testamento. Em ambos os casos há um mesmo significado: “serviço”. Aquele que serve é servo. É nesse sentido que a expressão é empregada, pois aqueles que são do Senhor pertencem a Ele e fazem a sua vontade. O relacionamento do Senhor para com o servo, segundo o termo, não era algo penoso e intolerante para o servo, pelo contrário, era algo prazeroso que se refletia nos atos públicos e particulares de louvor e oração.

1.2. ANTIGO TESTAMENTO: LEIS E DECRETOS PARA ADORAÇÃO

As narrativas do Antigo Testamento carregam uma profunda intervenção divina no comportamento do povo de Israel. Isso se deve ao pacto, aliança ou filiação deste povo que desde muito tempo antes dos patriarcas já haviam sido escolhido para ser a nação santa do Senhor. Deus tinha grandes planos para Israel e nada nem ninguém poderia frustrar os mesmos. O maior e mais brilhante plano elaborado por Deus centralizava-se na vinda de Jesus Cristo. Nesse sentido podemos concluir que todos os acontecimentos, mandamentos e ordenanças no Antigo Testamento apontavam para o Filho de Deus, o qual habitaria entre os homens a fim de cumprir o que o Pai lhe ordenou e o constitui ser: sacrifício santo e perfeito para perdão, remissão e purificação de pecados.

A vinda do Deus encarnado trouxe um novo tempo, onde não mais a lei, mas a graça de Deus era o fator principal que determinava as ações dos Seus servos. O grande questionamento que levaria gerações futuras a debaterem e argumentarem estava na posição em que a lei deveria ocupar na vida do povo, pois a graça traz a salvação, não só a partir de Jesus, mas desde a fundação do mundo. As perguntas que nos fazem refletir são: Qual a importância das Leis? Por que Deus as estabeleceu? Por que ordenou o cumprimento delas?

Para que se aborde ou trabalhe sobre a adoração, devemos mergulhar no propósito de se cultuar a Deus que durante a história bíblica foram regidas por regulamentos estabelecidos em leis para o cumprimento e o exame. No A.T. vemos a grande ênfase das leis na conduta e expressão dos homens diante de Deus. Estas tinham sua importância, pois, em parte, eram estabelecidas por Deus, como também, quando realizadas pelos homens, surtiavam efeitos desejáveis (bênçãos) e o contentamento do Senhor Deus.

As ordens estabelecidas por Deus através das leis deram a nação da aliança um guia ou manual de condutas que possibilitou ao povo se estabelecerem como possessão de Deus. Esse regulamento está alicerçado na obediência, santidade, temor e recompensa (bênção). Estes fundamentos estavam compenetrados na mente e nas ações daqueles que compunham o Estado de Israel. Todos os procedimentos exercidos individualmente ou coletivamente pelo povo perpassavam pelo prisma da obediência a Deus, do desejo de estar puro diante do criador, temendo sempre a Ele e esperando herdar a herança ou promessa estabelecida pelo Senhor.

1.2.1. O princípio da obediência

A obediência a Deus estava diretamente associada à forma como a nação deveria se comportar diante do Senhor em submissão e dependência a Sua vontade.

No pensamento hebraico a obediência estava vinculada ao temor dos homens diante de Deus. Mas não somente isso. A ideia da recompensa ou promessa levava os homens a intensificarem sua devoção e submissão ao Senhor. Embora essa não fosse a intenção das ordenanças ou leis de Deus, as promessas se tornaram o meio pelo qual se devia obedecer a Deus. Embora essa realidade, em parte, estivesse presente nos pensamentos e ações do povo ela não se abrangia na totalidade. Analisando o Antigo Testamento vemos exemplos como o de Moisés e Abraão, onde há uma postura de reverência e temor que os levavam a obedecer sem a intenção de obter algo em troca. Para Ralph L. Smith “Israel não via a adoração ou ‘serviço’ como meio de induzir, coagir ou influenciar Deus a lhes dar algo que de outro modo não daria. A adoração no A. T. não era ocultismo, que objetivava conquistar a vontade dos deuses para o adorador”¹.

Apesar de existir controvérsias quanto ao que se deve ou não ser mantidos da lei do Antigo Pacto, se tratando de adoração, não podemos fugir de uma verdade existente acerca das ordenanças bíblicas. Todas as leis tinham um objetivo, o qual estava alicerçado no princípio da santidade. “A pureza significava que o adorador estava qualificado para se encontrar com Javé; ‘impuro’ significava aquele que não tinha as qualificações necessárias para comparecer diante de Deus.”² Quando elas (leis) foram instituídas tinham como propósito estabelecer um regulamento que mudasse o cotidiano ou o modo de vida do povo. Pois Israel agora era a nação da aliança e posse de Deus. Todo proceder do povo deveria refletir a santidade do Seu Senhor. A filiação de Israel nos faz entender a relação da mesma com Deus. Os atos, procedimentos, regulamentos foram estabelecidos, e em grande parte, para agradar ao Senhor nos atos de obediência. A santidade de Deus deveria ser expressa nas atitudes do Seu povo, “pois o filho deve ser aquilo que o pai é”³. O que vemos constantemente no A.T. é este relacionamento de Deus com Israel baseado na obediência e na bênção do Pai. É fato, também, que o Senhor viera estabelecer leis para que a nação de Israel se distinguisse das demais em termos de adoração, pois as nações

¹ SMITH, Ralph L. **Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2001, p. 312.

² KAISER, Jr Walter. **Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1980, p. 121.

³ Ibid. p. 107.

, como o Egito e as da terra de Canaã, eram politeístas e seus deuses eram constituídos de imagem. Isso é claro no decálogo com os dois primeiros mandamentos, os quais direcionam a nação do pacto a ser adoradora de um único Deus sem imagem.

Como filhos verdadeiros, os israelitas tinham de imitar seu Pai nas atividades. Tudo aquilo que o Pai é, o filho deve aspirar ser (e. g. “Santos sereis, porque eu, o SENHOR vosso Deus, sou Santo” [Lv 19:2], *passim*). O filho, por sua parte, deve respeitar a vontade do Pai e demonstrar seu respeito e gratidão ao fazer aquilo que o Pai lhe manda fazer. O Pai, do outro lado, demonstraria Seu amor ao tratar com Seu amor de modo terno e real.⁴

Eugene H. Merrill em seu livro “Teologia do Antigo Testamento” faz uma consideração (de acordo Êxodo 20) a cerca da adoração ao único e supremo Deus, o qual se distingue de todos os outros:

A estrutura da presente passagem (Êx 20) transmite uma mensagem predominante de que o Deus de Israel é o único Deus e deve ser adorado de forma que o honre e, ao mesmo, o separe da imagem dos deuses dos pagãos, que se aproximavam de suas deidades de acordo com sua própria criatividade. As estipulações seguintes da aliança encontram uma base a partir dessa plataforma e dela deriva sua relevância teológica suprema.⁵

1.2.2. A relevância da lei para a nação de Israel

A primeira aliança ou pacto requereria da nação um comportamento que expressasse a pureza, qualquer violação das leis era passível de punição. O ganho da bênção era centralizado nessa verdade, se a lei era cumprida havia bênção, se não, havia punição. As ações e o comportamento de Israel tinham que condizer com a santidade de Deus, pois as demais nações seriam influenciadas pela conduta do povo de Deus. Através da nação santa os demais povos da terra receberiam a graça de Deus. Israel era o padrão a ser seguido. “Deus elegeu um povo que se tornasse sua testemunha. Seria um povo no qual fossem abençoadas ‘todas as famílias da terra’ (Gn. 12.3)”⁶. O regulamento não era o meio para a salvação, mas para a aproximação de Deus com o homem que fora interrompida pelo

⁴ id., 1980. p. 107.

⁵ MERRIL, Eugene H. **Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Shedd Publicações, 2009.

⁶ SANTOS, Jonathan F. **O Culto no Antigo Testamento: sua relevância para os cristãos**. São Paulo: Vida Nova, 1986, p. 24.

pecado. Os sacrifícios tinham essa intenção, quando o cordeiro era sacrificado havia ali um ato de adoração, de dar graças e de restauração. Quando Jesus Cristo veio e estabeleceu o outro pacto, já não importava mais a lei, pois Jesus, através do sacrifício na cruz, se tornou para todo sempre o sumo Sacerdote e o sacrifício perfeito, já não era mais a lei, mas a graça o fator decisivo para a salvação.

Ela deveria motivá-los para santidade ao estabelecer uma base para bênção ou punição à medida que os judeus se tornavam uma nação teocrática (Deuteronômio 5: 32-33). Como “plano de aliança” de bênção e punição, a Lei Mosaica terminou na cruz quando Jesus se tornou o sumo Sacerdote, pondo fim ao sacerdócio araônico e à lei correspondente (Hebreus 7:12). Jeremias anunciou que o Senhor faria uma nova aliança com Israel e Judá depois que a nação passasse por período de grande aflição e a comunhão com Deus fosse restaurada (Jeremias 31: 31-34; 32: 37-41).⁷

1.2.3. Adoração antecedente ao tabernáculo

No início ou princípio das práticas ou atos de adoração, percebemos uma importância dada pelos primeiros personagens bíblicos às suas ações e comportamentos diante do Criador. Eles tinham em comuns atitudes de obediência, submissão, respeito, devoção e agradecimento que eram demonstrados não apenas pelo exercício do bem (agradável a Deus), mas pela realização de sacrifícios ritualísticos, visando agradar a Deus. Estas práticas ou condutas são vistas, principalmente, pelos primeiros homens (Caim, Abel, Noé) que habitaram na terra e na vida dos patriarcas (Abraão, Isaque e Jacó). Estes últimos, por exemplo, foram os precursores ou pioneiros da religião israelita, sendo eles o molde ou modelo básico para que, futuramente, se constituísse uma nação com leis que permeasse a vida dos cidadãos de Israel. Mas, qual o parâmetro utilizado por Caim, Abel, Noé e os patriarcas na execução do culto ao Senhor, sendo que não haviam leis sacrificiais estabelecidas por Deus para a realização do mesmo? Essa incógnita tem se arrastado por gerações. O que podemos concluir desses registros bíblicos é que não havia nenhuma ação contrária da parte de Deus na execução do culto sacrificial, pelo contrário, existia um contentamento que, posteriormente, iria se tornar mais evidente com o estabelecimento Divino de leis que norteavam essa prática. Essa assertiva nos condiciona a analisar o curso da

⁷ ELLISEN, Stanley A.. **Conheça Melhor o Antigo Testamento**. Vida Nova: São Paulo, 1993. p. 32.

história em episódios pontuais. Só assim, perceberemos que Deus estabelecera um plano que, gradativamente, seria completado na pessoa de Jesus Cristo.

1.2.4. Cerimonial ritualístico baseado na lei

Para entendermos o “por que” de tantas leis que arregimentavam o culto a Deus, temos que estender os propósitos delas. Tudo que Ele estabeleceu tinha um intuito e grande valor para seus desígnios. E se foi Deus que instituiu, não podemos simplesmente descartar, pois o próprio Jesus Cristo deu a devida importância ao declarar: “Não penseis que vim revogar a Lei ou os Profetas; não vim para revogar, vim para cumprir” (Mat. 5:17).

As leis morais e cerimoniais foram instituídas como um requisito do pacto de Deus com o Seu povo, o qual, após a saída do Egito, foi consagrado totalmente a Ele. Isso requeria a Israel, como já falado, ser uma nação santa, ou seja, exclusiva e separada, unicamente, para Deus. Por esta razão, ao longo da história, busca-se a santidade como uma meta ou objetivo de vida. Essa procura torna-se evidente com a criação de leis que pudessem estabelecer uma civilização pura aos olhos de Deus. É fato, também, que o Senhor viera estabelecer leis para que a nação de Israel se distinguisse das demais em termos de adoração, pois as nações, como o Egito e as da terra de Canaã, eram politeístas e seus deuses eram constituídos de imagem. Isso é claro no decálogo com os dois primeiros mandamentos, os quais direcionam a nação do pacto a ser adoradora de um único Deus sem imagem (até a vinda de Jesus Cristo). Mas, o argumento mais incisivo, quanto aos propósitos da lei, está em Jesus Cristo, pois alguns regulamentos sacrificiais e ritualísticos apontavam para a vinda do Cordeiro de Deus que seria morto para limpar, lavar, perdoar e salvar a humanidade de seus pecados. Este último, enfatizaremos com mais exatidão em outro momento.

Uma das colaborações acerca dessa discussão é a de Samuel J. Schultz, onde enfatiza os preceitos de Israel para uma vida santa:

Tendo estado em servidão, em um meio ambiente idólatra, agora teria de ser um povo totalmente consagrado a Deus. Por meio de um ato sem precedentes na história, e que igualmente não foi duplicado desde então, aquele povo foi subitamente transformado do estado de servidão para o estado de nação independente. Ali no Sinai, com base nesse livramento, Deus estabeleceu com eles um pacto, para que fossem Sua nação santa. A expansão das leis e regulamentos adicionais para uma vida sa

nta tiveram o objetivo de guiar os israelitas na sua conduta como povo santo de Deus. A simples obediência a essas leis morais, civis e cerimoniais haveria de distingui-los das nações ao redor.⁸

Como já foi falada, uma das práticas para se cultuar a Deus era o sacrifício, mas este ritual tinha também a finalidade de purificação. Deus desejava que Israel fosse uma nação santa. Para que as cerimônias de sacrifício fossem realizadas de maneira ordenada e que refletisse uma adoração eficaz, era necessária a designação de pessoas que tivessem uma vida de santidade e serviço. A essas pessoas foi dado nome de sacerdote ou sumo sacerdote. A função de sumo sacerdote foi dada primeiramente a Arão, mas devemos enfatizar que já existia, antes da fundação de Israel, a presença de Melquisedeque em Gn 14:18 como rei de Salém e sacerdote do Deus Altíssimo, o que podemos concluir a existência de sacerdotes desde o período patriarcal.

As funções do sacerdote eram variadas. Sua principal responsabilidade era ser o mediador entre Deus e o homem. Ele também tinha a função de administrar o tabernáculo ou templo, ser guardião da lei e instruir os leigos, como também, discernir a vontade de Deus ao povo. O sacerdote tinha como auxiliar ou ajudante os levitas que foram nomeados para essa tarefa. Este também, por estar diretamente ligado aos atos cerimoniais, tinha que estar com a vida santa, ou seja, cumprindo todos os requisitos da lei de Israel.

Os regulamentos cerimoniais eram muitos, o que podemos retirar de aprendizado deles eram suas finalidades que sempre resumiam ou afunilavam para um propósito único: santidade. Outro fator importante de se destacar eram que as leis cerimoniais não eram estáticas como as morais, elas eram alteradas a medida que era necessário por motivos variados. Stanley A. Ellisen a importância das leis e os propósitos delas:

Princípios espirituais e morais ao seu povo como um modo de vida, e não como um meio para salvação. Esses princípios fundamentais da lei tinham por objetivo revelar a santidade de Deus e a determinação de que o seu povo também deveria ser santo. Era um acordo ou plano de aliança entre o Senhor e seu povo. Como tal, era um teste condicional e temporário, e um teste para se saber se o povo aceitava Deus como Senhor da aliança.⁹

⁸ SCHULTZ, Samuel J. **A História de Israel no Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1990, p. 58

⁹ ELLISEN, Stanley A. **Conheça Melhor o antigo Testamento**. Vida Nova: São Paulo, 1993, p.32.

1.3. NOVO TESTAMENTO: PRÁTICAS DA COMUNIDADE CRISTÃ DO PRIMEIRO SÉCULO.

A Igreja Primitiva teve seu desenvolvimento a partir da grande comissão dada por Jesus Cristo aos discípulos. A missão de ir por todo o mundo pregando o Evangelho, batizando e ensinando foi essencial para o consentimento geral de que o mundo precisava e necessitava ouvir a mensagem salvadora contida na pessoa e vida do Messias (Jesus Cristo). “O que o corpo de Cristo diz e faz deve revelar claramente que Deus está falando, e Seu povo está escutando”¹⁰.

Esta realidade foi aceita com muito entusiasmo pelos gentios e com certa resistência pelos judeus. O fato é que o plano salvífico de Deus para a humanidade não seria frustrado, nem extinto, mas propagado em longa escala. O agir de Deus a partir daquele momento da história teria um grande aliado, o qual atuaria decisivamente na vida dos salvos. O Espírito Santo concederia aos crentes as bênçãos da salvação: consolo, auxílio, orientação, virtudes, dons, força e autoridade (Atos 1.8). O marco inicial para esse novo tempo estava simbolizado no Pentecostes e confirmado em outros momentos da história com o em: Samaria (At. 8), Cesaréia (At. 10,11) e Éfeso (At. 19). Como afirma Broadus David Hale:

Nos desenvolvimentos históricos lógicos dos princípios inerentes no ministério e ensinos de seu fundador e Senhor, a Igreja saiu ao mundo, sob o poder e direção do Espírito Santo, para quebrar toda barreira que separa o homem do homem e o homem de Deus. [...] para quebrar toda barreira que separa as pessoas, e especialmente a barreira dos preconceitos racial e religioso [...] como um movimento que se iniciou na religião ultra-nacionalista do povo judeu tornou-se livre dos conceitos estreitos do exclusivismo religioso, à medida que o Espírito Santo era capaz de interpretar para os seguidores do Caminho a obra de Deus de trazer todos os homens a si, em Jesus Cristo.¹¹

Mais que qualquer outra passagem do Novo Testamento que retrata a vida da comunidade cristã refletindo a vontade de Deus está na de Atos 2.42-47. Nesta perícope en

¹⁰ SHEDD, Russell P. **Adoração Bíblica**. São Paulo: Vida Nova, 2003, p. 51.

¹¹ HALE, Broadus David. **Introdução ao Estudo do Novo Testamento**. Rio de Janeiro: JUERP, 1983. p. 185.

contramos fatos importantes do relacionamento da Igreja com Deus e entre seus membros. O que é bem evidente se demonstra no cotidiano (em casa, no trabalho, andando pelas ruas etc.) e nos momentos de reunião em conjunto (no templo, nas sinagogas, e nas casas). De modo geral, percebemos os ensinamentos de Jesus Cristo na vida do povo de Deus atuando decisivamente no comportamento do mesmo.

1.3.1. A adoração dos cristãos controlada pelo Espírito Santo

A Igreja iniciara um novo tempo, em que o Espírito Santo seria o protagonista na condução do povo de Deus ao progresso espiritual e numérico da comunidade cristã. Essa realidade vivida pelos crentes daquele tempo resultaria em um avivamento jamais visto na história da humanidade. Isto é um fato incontestável, pois o nosso modelo de igreja contemporânea segue o padrão da igreja primitiva, o qual, mais se aproxima da vontade de Deus.

A ação do Espírito Santo no curso da história da igreja se tem refletido no seu comportamento diário. Verificamos em Atos 2.42-47 alguns traços fortes de uma comunhão alicerçada na experiência com o Espírito Santo. *"E perseveravam unânimes na doutrina dos apóstolos, na comunhão, no partir do pão e nas orações"*. Percebe-se nesse verso que a doutrina estava sendo pregada pelos discípulos, esta por sua vez, continha os ensinamentos de Jesus Cristo, os quais, apresentavam o Espírito Santo como o agente de transformação espiritual. Aqueles que receberam a Jesus Cristo tiveram suas vidas moldadas e revitalizadas pela ação miraculosa do Messias. As pessoas que foram transformadas no ministério terreno de Jesus Cristo gozaram de um avivamento que as conduziu a um relacionamento profundo e verdadeiro com Deus. O primeiro a realizar isso foi Jesus Cristo e o segundo o Espírito Santo. O pastor Isaltino Gomes contribui com esta afirmação:

Mas o que nos chama atenção é que o Espírito viria para substituir e suceder a Jesus. Sairia de cena um Consolador ou Conselheiro ou Ajudador, e viria outro. O Espírito seria a continuidade da presença da Divindade com a Igreja. Esta nunca ficaria sozinha no mundo. Como realmente nunca ficou, ao longo da história.¹²

¹² COELHO. Isaltino Gomes. **O Espírito Santo nos ensinamentos de Jesus**. Rio de Janeiro: JUERP, 2006, p. 46.

A continuação das maravilhas provindas da divindade permaneceu na segunda pessoa da trindade. As ações de Jesus Cristo para com os seus discípulos e o povo não cessariam, mais ainda, levariam os tais há um estágio de comunhão com Deus e a igreja, com promisso com sua obra, amor por Ele e pelo próximo e o uso de dons concedidos pelo Espírito Santo.

Uma igreja que é movida pelo Espírito Santo possui características singulares. A evidência disso se estabelece na relação mútua entre os membros da igreja. Existe uma comunhão forte e sincera estabelecida pelo agir do Espírito na vida dos convertidos que os levam a ter um relacionamento visando à comunidade e não a individualidade. Passa-se a enxergar aqueles que estão próximo e a ajudá-los nas suas necessidades e carências. O Espírito Santo é o motivador do crente regenerado nas suas ações aqui na terra, como também, nosso guia. Quando estamos submissos ao poder do Espírito Santo nossas vidas são transformadas e moldadas segundo a vontade de Deus e isso nos leva a termos atitudes que condizem com um caráter de um cristão, ou seja, passamos a ser luz nesse mundo e porta voz do Deus Altíssimo. Russel Shedd nos ajuda a entender essa questão afirmando:

Quem ouve a mensagem do Senhor comunicada pelos irmãos que vivem em plena submissão ao Espírito, não acha difícil se submeter a eles. Jesus se identifica com a igreja obediente. Ele faz com que sua voz seja ouvida pelos lábios dos irmãos. Se não quisermos desobedecer a Cristo, cabe-nos a sujeição a uma mútua cooperação, isto é, um irmão atendendo ao outro.¹³

O resultado da ação do Espírito Santo foi refletido na pregação do evangelho, na comunhão entre os irmãos e no testemunho dos crentes. Esse poder manifestado pelo Espírito Santo através dos convertidos tem seu fundamento na passagem de Atos 1.8. “Um estudo de Atos 1.8 revela que o testemunho no poder do Espírito Santo é a vida exposta à morte (‘... ser-me-eis testemunhas’), é vida se multiplicando em movimento (‘... em Jerusalém, em toda Judéia e Samaria...’) e é universalmente inclusivista (‘... até os confins da terra’)¹⁴. “Desde esse momento o Espírito Santo se converteu em uma realidade dominante na vida da Igreja primitiva. Em um aspecto, o Espírito Santo era a fonte de toda o

¹³ SHEDD, Russell P. **Adoração Bíblica**. São Paulo: Vida nova, 2003, p.51.

¹⁴ DORNAS, Lécio. **Pregando sobre o Espírito Santo**. Revista Pregação & Pregadores, Rio de Janeiro, RJ, n. 4, p. 13, dez. 2012.

rientação”¹⁵. Tudo que a igreja viveria a partir desse momento histórico seria direcionada por Deus mediante o Seu Espírito. A atuação do Espírito Santo proporcionou ao corpo de Cristo uma capacitação (dons e talentos) que condicionaria os membros da igreja a servirem a Deus, como instrumentos ativos, dentro e fora do meio eclesial. “Testemunhar no poder do Espírito Santo é, portanto, anunciar o evangelho com autoridade de vida e capacitação do alto”¹⁶. Essa interação entre a igreja e o Espírito Santo leva a uma comunidade fundamentada nas verdades bíblicas, nas quais, Jesus Cristo é a maior e mais importante delas.

1.3.2. O serviço no corpo de Cristo

O convívio dos cristãos entre si e com o mundo foi testemunhado e admirado, como também, odiado e caluniado por pessoas que aceitavam e outras que não aceitavam que Jesus Cristo era o messias ressurreto. Aos que puderam ver ou enxergar a beleza das atitudes dos primeiros cristãos, concluíram que estes, verdadeiramente, eram discípulos e seguidores de Jesus Cristo. Como exemplo, existem muitos demonstrativos que resumem a fama dos cristãos, mas o que mais salienta a relação da igreja para com Deus e da igreja para com o mundo era o amor e o serviço. Já para aqueles que perseguiam os crentes por preconceito, intolerância e sequeira religiosa não bastavam vislumbrar as boas ações dos novos convertidos em Cristo, preferiram manter sua tradição e combater toda e qualquer “heresia”.

O ato de servir foi ensinado e aplicado por Jesus Cristo em seu ministério terreno. Ele pôde abranger todas as áreas da sociedade, desde o rico ao mais pobre, auxiliando em suas necessidades, realizando milagres, ensinado a melhor maneira de se viver e anunciando o reino de Deus. Em todo momento, Jesus Cristo serviu a multidão de necessidades que o seguiam de perto e de longe, suprimindo assim, suas carências. E para os discípulos que conviviam diariamente com Ele puderam receber o conhecimento e a direção para a missão que havia de vir.

O ato de servir tem forte vinculação ao contexto do escravo ou servo. Esta relação tem grande fundamentação a partir da passagem de João 13, onde Jesus lava os pés do

¹⁵ BARCLAY, Willian. **Lucas**. p. 20. E-book Disponível em:
<[www.aibrem.com.br/index.php/.../27-Lucas?...154:Lucas%20\(Barclay\)](http://www.aibrem.com.br/index.php/.../27-Lucas?...154:Lucas%20(Barclay))>

¹⁶ DORNAS, Lécio. Op. Cit., p. 13.

s discípulos, realizando assim, um serviço que era exclusivo de um escravo. A adoração requer um compromisso do adorador de está disposto a servir em todo momento. Há apenas um Senhor a quem nós devemos servir. Deus espera dos seus servos (filhos) sacrifícios que exijam totalidade do ser.

Somente pelas misericórdias de Deus podemos oferecer tal adoração que agrade a Deus. A vida corporal representa toda a potencialidade e a capacidade do homem, inclusive sua inteligência, energia, experiência e dedicação. Uma vez ofertado integralmente, o corpo santificado com o sacrifício a Deus, será aceito como culto genuíno (gr. *logikên*).¹⁷

O servo é aquele que está à disposição de outro no cumprimento de suas obrigações e na satisfação do mesmo. Isso nos faz entender qual deve ser nossa posição diante de Deus. O apóstolo Paulo nos dá uma dimensão dessa relação entre o Senhor (Deus) e os seus servos (nós) quando ele afirma I Co. 7. 22 que ele foi chamado para ser um liberto do Senhor e escravo de Cristo, como também, na passagem de Romanos 6. 22, onde aplica-se essa mesma mensagem. Ralph P. Martin diz que para o apóstolo Paulo é era um “privilegio e honra dele e da Igreja, terem o serviço do Evangelho confiado a eles. Esse serviço é sua oferta a Deus daquele valor e honra o qual Ele é glorificado na salvação dos gentios”¹⁸. No Antigo Testamento vemos a presença do servo como aquele que se sujeitava ao seu senhor de maneira humilde, como também, em postura de reverência, obediência e temor. No Novo Dicionário da Bíblia vemos uma definição que sugere o mesmo entendimento:

No emprego secular esse título era usado para designar o escravo; o servo a serviço do rei; o politicamente sujeitado, como uma humilde auto-descrição, e sobre os servos do santuário. No uso religioso aparece como descrição de si mesmo do homem humilde na presença de seu Deus. Assim empregado, tal vocábulo reconhece a posição humilde de quem fala, o direito total de Deus sobre qualquer membro do povo por Ele eleito e a confiança e entrega a Deus por parte do indivíduo, que dessa maneira vindicará do Seu servo.¹⁹

Ralph P. Martin contribui afirmando que:

Esta ligação era imaginada e descrita em termos de privilégio e honra mais do que escravidão desumana; e quando os homens se chamavam os “servos do Senhor” no sentido religioso, estavam prestando tributo a

¹⁷ SHEDD, Russell P.. **Adoração Bíblica**. São Paulo: Vida nova, 2003. p.20.

¹⁸ MARTIN, R. P. **Adoração na Igreja Primitiva**. São Paulo: Vida Nova, 1964, p. 16.

¹⁹ SHEDD, Russel. **Novo Comentário da Bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 1981, p. 1518.

o relacionamento íntimo e honrado ao Deus nos trouxera. Desta forma, grandes líderes de Israel são assim chamados, “servos de Deus.”²⁰

A igreja primitiva entendeu muito bem esse fundamento a partir do exemplo de Jesus Cristo. Os ensinamentos repassados pelos discípulos à igreja apontam para Jesus Cristo como um servo sofredor, o qual se tornou homem para morrer em uma cruz, fazendo assim, a vontade de Deus Pai. Se observarmos para a vida terrena de Jesus Cristo veremos a presença, tanto nas ações como no ensino, do ato de servir. O próprio Jesus afirmou em Marcos 10: 45 que Ele “não veio para ser servido, mas para servir”. Nas cartas de Paulo há uma profunda ênfase no sacrifício de Jesus (II Co 5. 21; Rm 4. 25; 8. 3,4,32-34). Isso denota uma intenção em transmitir o sofrimento do Messias e a partir daí vislumbrar o exemplo maior de servo, o qual não mediu esforços para salvar o ser humano dos seus pecados. Esse parâmetro de servo deveria ser seguido ou replicado na vida daqueles que se tornassem seguidores e discípulos de Cristo (II Co 4.5; Cl 1. 24,25). Nessa perspectiva a edificação da igreja pelos dons concedidos a ela entra em foco. Em seu livro “Adoração Bíblica” Russel Shedd faz uma comparação entre o sacrifício exercido pelo povo na antiga aliança (Antigo Testamento) e o sacrifício na nova aliança (Novo Testamento), onde os dons são usados.

O corpo e a mente não são sacrificados num altar, segundo o modo da Antiga Aliança, mas incorporados em serviço ativo dentro do Corpo de Cristo, a Igreja. Os dons distribuídos pelo Espírito são um sinal claro da aprovação de Deus em relação aos sacrifícios vivos que Lhe foram oferecidos. À medida que os dons são exercidos, o Corpo é tomado real na adoração resultante²¹

Os dons e talentos concedidos por Deus devem ser a matéria prima para o sacrifício, onde estes são sacrificados, ou seja, exercidos no corpo de Cristo para o bem do Reino de Deus e para comunhão do Corpo.

1.3.3. A prática do amor ou caridade

A prática do amor é uma das ações mais belas e agradáveis aos olhos de Deus. Esta afirmação é apoiada pela passagem de I João 4.8,16, onde relata um dos atributos de Deus – amor. “Deus é amor; e quem permanece em amor, permanece em Deus, e Deus n

²⁰ MARTIN, R. P. Op. Cit. p. 16.

²¹ SHEDD, Russell P.. **Adoração Bíblica**. São Paulo: Vida nova, 2003, p. 152.

eles.” (ARC). O texto áureo da Bíblia Sagrada (João 3.16) é alicerçado no amor, o uso dos dons espirituais deve ser regido pelo amor para que aja edificação da igreja (I Co 13), os dois principais mandamentos, os quais resumem todos, é fundamentado no amor (Mateus 22.37-39), em fim, de Gêneses à Apocalipse temos a presença desse termo ou palavra vinculado as ações de Deus e dos homens. Isso demonstra a importância do mesmo na relação de Deus para com os homens, dos homens para com Deus e do ser humano para com ser humano. Adoração a Deus deve, necessariamente, está vinculada ao amor, pois “a adoração é o amor com que correspondemos ao amor de Deus”²². Essa realidade nos leva a concluir que “sem amor não existe adoração”²³. Por isso temos que entender o amor “como um ato da vontade e, não, uma emoção como se crê”²⁴.

Para Russel Shedd o amor e a obediência são princípios essenciais para se cultuar a Deus²⁵. A obediência a Palavra de Deus é primordial na prática do amor. Em I João 2.5 afirma-se que: “*Aquele, entretanto, que guarda a sua palavra, nele, verdadeiramente, tem sido aperfeiçoado o amor de Deus. A palavra guardar tem o sentido de obediência. O mesmo autor da carta relata no seu evangelho as palavras de Jesus dizendo: “Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama; e aquele que me ama será amado por meu Pai, e eu também o amarei e me manifestarei a ele”* (João 14. 21 A RA). Quando obedecemos a vontade de Deus estamos mostrando amor, o qual não deve ser encarado como uma mera obrigação, mas partindo do coração, com a simples intenção de agradar a outrem. Pois “o amor que há no coração é o alvo da busca de Deus”²⁶. Podemos concluir que, necessariamente, precisa-se viver o amor para com Deus e os homens para que o culto seja agradável ao Senhor.

O amor fraternal (amor de irmão na fraternidade cristã) gera a comunhão na igreja de Cristo. Atos 2.42-47 é um exemplo nítido da presença do mesmo. Este relacionamento fundamentado no amor teve suas raízes na pessoa de Jesus. A intenção da igreja era reproduzir aquilo que o Messias fizera em seu ministério terreno. Todas as vezes que a igreja seguia o exemplo de Jesus Cristo havia a presença do amor e, conseqüentemente, muita comunhão, ou seja, os convertidos em Cristo eram condicionados em amor a compartilhar das bênçãos de Deus uns com os outros. E todos eram envolvidos por um bem est

²² CORNWALL, Judson. **Adoração como Jesus ensinou**. Minas Gerais: Betânia. 1995, p. 149.

²³ *ibid.*, p. 149.

²⁴ *ibid.*, p. 148.

²⁵ SHEDD, Russell P. **Adoração Bíblica**. São Paulo: Vida nova, 2003, p. 20

²⁶ *ibid.*, p. 27.

ar comum que os levavam a viverem em consonância com a vontade de Deus.

A palavra “comunhão”, (koinōnia) no Novo Testamento, diz respeito, principalmente, à vivência conjunta de verdades espirituais profundas em Cristo. É a confissão de fé em ação nos relacionamentos interpessoais, fazendo com que eu e você sejamos moldados pelo amor prático e pela presença ativa do Senhor no meio da igreja. Cheios dessa verdade, somos levados a abrir mão de nós mesmos a fim de nos concentrarmos na vontade de Cristo e na vida comunitária, como verdadeiros irmãos, deixando o “eu” para viver o “nós”.²⁷

²⁷ SILVA, Átila. **Multiplique fazendo discípulos e plantando igrejas**. Revista Pregação & Pregadores, Rio de Janeiro, RJ, Edição Especial - Junta de Missões Nacionais, p. 33.

2. O PRISMA DA ADORAÇÃO NA PERSPECTIVA LUCANA

Quando tratamos os assuntos ou as passagens do Evangelho de Lucas podemos perceber, através dos ensinamentos de Jesus, a presença de um universalismo, um interesse individual por cada pessoa e um apelo às relações sociais naquele contexto. O tratamento que Lucas dá aos menos favorecidos e repudiados da sociedade judaica é bem evidente. Isso nos leva a pensar o porquê dessa ênfase em destacar condutas de samaritanos, pobres, cobradores de impostos, mulheres e crianças.

Para entender esse assunto temos que nos reportar a outro livro que se constitui o segundo volume ou a continuidade do Evangelho de Lucas. Estamos falando de Atos dos Apóstolos, o qual narra o surgimento e desenvolvimento da igreja.

Esses dois volumes foram criados como uma narrativa cronológica dos fatos históricos da vida de Jesus Cristo e da Igreja. Em ambos os volumes, percebemos uma conexão entre os ensinamentos de Jesus e a conduta ou comportamento dos cristãos em Atos. O que supostamente entende-se é que a mensagem de Cristo foi endereçada a todas as classes sociais, ou seja, a todas as pessoas, visando uma comunhão, compromisso, conhecimento e aceitação do Ser de Deus, o Seu Reino e a Salvação ou Vida Eterna em Jesus Cristo. Estes fundamentos são essenciais para a unidade da igreja e sua expansão no mundo (Atos 1:8).

Um argumento favorável a esse pensamento encontra-se em uma das obras de Broadus David Hale. Este diz que:

Lucas escreveu que seu propósito ao escrever o Evangelho era: "Para que conheças plenamente a verdade das coisas em que foste instruído" (1:4). Este propósito é reforçado em Atos 1:1 pela expressão "acerca de tudo quanto Jesus começou a fazer e ensinar". Lucas quis relatar aqueles acontecimentos sobre os quais o Evangelho estava alicerçado, e explicar as bases para a emergência de uma comunhão mundial através da proclamação desse Evangelho. O Evangelho que estava sendo pregado na época da composição do terceiro Evangelho não teve suas origens numa indagação dos valores eternos que iria resultar numa teologia ou filosofia especulativa. O cristianismo tem suas origens na história; um evento que ocorreu na presença de testemunhas oculares, eventos que poderão ser corroborados como historicamente corretos.²⁸

²⁸ HALE, Broadus David. **Introdução ao Estudo do Novo Testamento**. Rio de Janeiro: JUERP, 1983, p. 120.

O que podemos identificar na passagem do bom samaritano é a presença de uma lição de comportamento e conduta de vida expressa por Jesus, o qual visava estabelecer uma relação entre lei e caráter cristão, entre os regulamentos e as atitudes. Em outras palavras, Ele veio para reinterpretar a lei. É nesse sentido que a adoração a Deus através do amor a Ele e ao próximo torna-se um fator essencial e primordial no relacionamento pessoal entre Deus e os homens, como também em comunidade (na igreja ou fora dela). A adoração genuína se expressa em atitudes verdadeiras e sinceras que agradam ao Senhor.

Para analisarmos o contexto da passagem de Lucas 10:42-47 é necessário fazer a conexão de dois ambientes que são relatados nesse texto. Um deles destaca o diálogo entre Jesus e o doutor da lei, já o outro pertence a parábola que Jesus narra. Em ambos podemos perceber a presença de uma relação entre a lei e a prática, o fazer e o viver.

Desta forma faremos uma análise destes dois cenários: (1) diálogo entre o doutor da lei e Jesus; (2) a parábola do bom samaritano.

2.1. O DIÁLOGO ENTRE JESUS E O MESTRE DA LEI

Esse diálogo foi de suma importância para o entendimento da parábola que se seguiria posteriormente. Essa conversa entre Jesus e o mestre da lei é relevante à medida que analisamos o contraste entre o conhecimento e a prática exercidos pelas pessoas naquele tempo. O entendimento errado da lei levava as tais ao individualismo e o preconceito conduzindo-as a adotarem condutas cada vez mais segregacionistas. A cosmovisão do judeu, em especial aqueles envolvidos com o culto religioso e com o ensino da lei, tinha o aspecto compenetrado na ideia de “nação santa”, “povo exclusivo”, “povo escolhido”, “possessão de Deus” e, mais diretamente aos dirigentes do culto judaico, “representantes de Deus na terra”. A partir desse entendimento básico, vislumbramos e dimensionamos alguns aspectos do contexto da passagem.

2.1.1. Perfil do mestre da lei

O diálogo foi estabelecido durante a jornada de Jesus até Jerusalém. Por todos os

lugares onde passava Ele ensinava, exortava e fazia milagres. O público que o acompanhava, além dos discípulos, era desde um simples judeu ou samaritano a um fariseu ou escriba. Nesta passagem em especial, onde há um diálogo, podemos ver a presença de um escriba. Este, também conhecido e intitulado como doutor da lei, era um conhecedor profundo da lei de Moisés, interprete e professor judaico. Por ser um homem versado ou perito nas Escrituras distinguia-se dos fariseus e outros grupos religiosos. Ele tinha a função oficial de interpretar a lei e guiar o povo em como relacionar as suas vidas com ela²⁹. Os escribas não eram nem uma seita religiosa e nem um partido político, e, sim, um grupo de profissionais. “Doutor”, “escriba” e “mestre” são expressões sinônimas, no Novo Testamento³⁰. A aplicação dos preceitos da lei à vida diária tornava necessária a função interpretativa dos escribas (...) ensinavam no recinto do templo e nas sinagogas, e ocasionalmente debatiam na presença de seus discípulos³¹.

2.1.2. A importância da lei para conduta pessoal e sua relevância no conceito de vida eterna

O grande erro dos líderes religiosos era não fazer a relação entre a teoria e a prática, como também, assumirem uma postura dominante e restritiva. O que também os levava ao erro era o exercício dos Ensinamentos Sagrados, pois a lei estava compenetrada nas mentes, mas não refletia, muitas vezes, nas ações. Quando cumpriam o que a lei orientava, estes, por vezes, faziam por obrigação e não por amor a Deus e ao próximo, como também, por temor e respeito ao Senhor. A aparência ou testemunho pessoal diante dos homens eram requisitos primordiais na vida cotidiana dos líderes religiosos e por isso dava-se uma ênfase no desempenho da lei. No entanto, por mais que houvesse uma predisposição para o cumprimento da lei, mesmo assim, ela não era concretizada no coração e também nas atitudes. A resposta do escriba se concentra o centro da mensagem dessa passagem e seu direcionamento para o tema adoração, pois é nesses dois mandamentos citados pelo doutor da lei que se resumem todos os demais contidos na Bíblia Sagrada (Mt 22: 40). Isso nos leva a concluir que a adoração genuína e verdadeira se apoia nessa verda

²⁹Herbert. **Todas as parábolas da Bíblia**. São Paulo: Editora Vida, 2006. p. 331. Acesso em: <www.ebooksgospel.com.br/blog/>

³⁰ GUNDRY, Robert H.. **Panorama do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1981. p. 42.

³¹ Ibid. p. 42.

de.

Para essa conversa o escriba trouxe para discussão um tema que gerava duas formas de entendimento: Vida Eterna. Segundo George Eldon Ladd, essas duas maneiras de se compreender o termo “vida” ou “vida eterna” está baseado nos ensinamentos do Antigo Testamento e no pensamento coletivo do período neotestamentário.

O sentido básico de “vida” no Antigo Testamento não é imortalidade ou vida após a morte, mas um completo bem estar do ser na existência terrena. Entretanto, esse bem estar completo do ser não é considerado como um fim em si mesmo, mas como um dom de Deus. Desfrutar a vida significa desfrutar a plenitude das bênçãos e dos dons de Deus, o que inclui a longevidade (Sl. 91:16), as bênçãos familiares (Ec. 9:9), a prosperidade (Dt. 28:1 e ss.), a segurança (Dt. 8:1), e, especialmente, a comunhão com Deus (Sl. 16:11; 36:9; Dt. 8:3; Jr. 2:13). Portanto, as boas dádivas de Deus, que constituem a vida, devem ser desfrutadas no relacionamento com Deus (Dt. 30:15-20). Finalmente, esse sentimento de que a vida significava comunhão com Deus e o desfrutar da presença divina bem como de suas bênçãos, levaram à convicção de que nem mesmo a morte poderia destruir esse relacionamento e que, de algum modo, o Deus vivo capacitaria seu povo a transcender a morte (Sl. 16:9-11; 49:15; 73:24). Essa convicção, primeiramente vista com parcimônia, levou à convicção da ressurreição do corpo e da vida no século futuro (Is. 26:19; Dn. 12:1-2).³²

Nos evangelhos sinóticos não há uma ênfase em se abordar sobre a vida eterna, mas há uma intensa referência ao Reino de Deus. Os poucos momentos em que se toma referência sobre o assunto estes o fazem apontando para a vida no século futuro. Nos Sinóticos, as expressões “vida” e “vida eterna”, quando consideradas em seu significado de redenção, são sempre bênçãos escatológicas futuras (Lc. 10:25)³³. É possível pressupor que o Doutor da lei estava se referindo as duas maneiras. Segundo Herbert Lockyer, o doutor da lei queria que Jesus o instrísse em como obter a vida em sua plenitude — vida perfeita em todos os sentidos³⁴.

O doutor da lei tinha em mente que a vida eterna era herdada apenas para os descendentes de Abraão, Isaque e Jacó, ou seja, a sociedade judaica. E também com uma mentalidade exclusivista, possivelmente, tenha relacionado o “próximo” com um de seus compatriotas. Segundo Kenneth Bailey a postura do doutor da lei e os demais componentes da “elite” religiosa no tempo de Jesus Cristo, devem-se ao conceito ou definição de her

³² LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento**. 2. Ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1993, p. 367.

³³ Ibid, p. 367.

³⁴ HERBERT. **Todas as parábolas da Bíblia**. São Paulo: Editora Vida, 2006. p. 332. Acesso em: <www.ebooksgospel.com.br/blog/>

ança e vida eterna, visto que a única maneira de alcançá-la, segundo os ensinamentos judaicos, é observando a lei.³⁵

2.1.3. O motivador do diálogo

Ao lermos com atenção o texto em destaque percebemos que o Doutor da lei tinha o intuito ou intenção de desmoralizar Jesus, colocando-o à prova (tentá-lo) através de uma pergunta: “Mestre, que farei para herdar a vida eterna?”. Possivelmente o escriba pretendia receber de Jesus uma lista de normas e estatutos para serem cumpridas como requisito essencial e obrigatório para a vida eterna, o que seria um risco, pois poderia divergir com a lei de Moisés. Em outras palavras “ele não estava à procura de informações, mas, sim, para ver que Jesus não conseguisse responder à altura, e que tivesse uma oportunidade de desmascará-lo”³⁶. Mas Ele respondeu com outra pergunta que levou o escriba a responder segundo a Lei. Mesmo tendo essa intenção de envergonhar Jesus o doutor da lei queria também ouvir a resposta de Jesus quanto ao tema “Vida Eterna”. Kenneth Bailey diz que “O primeiro diálogo focaliza a questão de se fazer algo para se herdar a vida eterna. (...) o segundo também. Desejando justificar-se ele pede uma definição de próximo. Indubitavelmente ele ainda está perguntando o que precisa fazer para ganhar a vida eterna”³⁷. Podemos então concluir que a resposta de Jesus teria duas finalidades para o doutor da lei: (1) Colocar Jesus à prova; (2) Ouvir a resposta de Jesus sobre o tema vida eterna.

2.1.4. As respostas de Jesus e suas intenções com relação à adoração

A resposta do escriba à indagação de Jesus Cristo foi de suma importância para o entendimento da parábola. A utilização dos dois textos do Antigo Testamento pelo doutor da lei para responder Jesus, se concentra no centro da mensagem dessa passagem e seu direcionamento para o tema adoração, pois é nesses dois mandamentos citados pelo doutor da lei que se resumem todos os demais contidos na Bíblia Sagrada (Mt 22: 40; Mc 12:

³⁵ BAILEY, Kenneth. **As parábolas de Lucas**. São Paulo: Vida Nova, 2005, p. 78.

³⁶ MORRIS, Leon L. **Lucas - Introdução e Comentário**. São Paulo: Vida Nova, 2003, p. 179.

³⁷ BAILEY. Op. Cit., p. 76.

33).

A compreensão do versículo 27 de Lucas 10 foi esclarecida por Jesus de maneira simples e direta. A interpretação dá entender que Deus requer dos seus servos prioridade ou exclusividade em todo o comportamento, atitudes e ações. O cumprimento dos dois grandes mandamentos exige totalidade do cumpridor. Isso também nos leva a concluir que a adoração genuína e verdadeira se apoia nessa verdade, pois vivemos para servir a Deus e ao próximo. Isso é o amor em exercício, isso é adoração, isso é agradável a Deus. Judson Cornwall afirma que:

O amor expresso em adoração não é mero sentimento; é mais que isso. É tomar decisão de amar. Jesus ensinou que tal amor não pode ser superficial. É exercido por todo o nosso ser: coração, alma, mente e forças.³⁸

Ao recitar o texto de Deuteronômio 6. 5, o doutor da lei, talvez, não tenha dimensionado a expressiva conotação desse versículo. Trata-se da totalidade do nosso ser entregue ao Senhor Deus.

De todo o coração. O coração sempre foi para os hebreus o centro das motivações (Mt. 5:28), emoções e decisões (II Co 9:7) humanas. Primeiramente ele tem o aspecto físico (2 Co 3:3), mas é também sentimental (Lc 24:32), como também, o lugar da vontade (Mc 3:5) e do intelecto (Mc 3:5).

De toda a tua alma. A alma, no pensamento judaico, era o centro de todas as ações e atitudes de uma pessoa. Ela tinha um aspecto físico (Nm 21:5), emocional (Sl 107:26), moral (Sl 119:129) e voluntarioso (Dn 4:29).

De todas as tuas forças e de todo o entendimento. A dedicação do nosso corpo e mente a Deus deve ser inteiro e completo (Rm. 12:1-2).

2.2. A PARÁBOLA DO BOM SAMARITANO

2.2.1. Contexto da parábola

A resposta de Jesus ao questionamento do escriba quanto a quem seria o próximo

³⁸ CORNWALL, Judson. **Adoração como Jesus ensinou**. Minas Gerais: Betânia. 1995, p. 152.

o veio em forma de parábola. É nesta narrativa que analisamos um dos princípios básicos para adoração a Deus, o amor concretizado em atitudes. Esse amor deve ser demonstrado primeiramente a Deus com todo o coração, de toda a alma, de todas as forças e de todo o entendimento e em segundo lugar, mantendo base do amor, amar o próximo como nós amamos a nós mesmos.

Dentro do contexto da parábola podemos visualizar o ambiente, onde acontece o fato, como um local propício para a prática do roubo. A estrada de vinte e sete quilômetros que desce sobre o deserto, de Jerusalém para Jericó, tem sido perigosa durante toda a sua história³⁹. Esse percurso possui muitos desfiladeiros e inúmeras curvas. Os personagens da parábola, os quais percorreram esse caminho, tinham personalidades e condutas diferenciadas, como também faziam e tinham funções particulares em sua sociedade. Apenas uma atitude foi a correta, mesmo vindo de uma pessoa discriminada pelos judeus.

O caminho da parábola nos mostra um deslocamento de pessoas que estavam voltando ou indo para as cerimônias religiosas do judaísmo em Jerusalém. A partir dessa ideia podemos supor dois movimentos. Se o sacerdote e o levita estivessem voltando de Jerusalém para Jericó, então os mesmos estariam livres de algumas obrigações religiosas. Isso possibilitaria, tanto o levita quanto o sacerdote, ajudarem o viajante. A hipótese recaia sobre as obrigações religiosas, aja visto que os mesmos poderiam estar indo para Jerusalém, cumprir suas obrigações no templo. Isso “justificaria” a atitude do levita e do sacerdote. Embora suponhamos essas duas maneiras de enxergar o trajeto dos personagens, não podemos concluir com exatidão qual é o verdadeiro. O fato é que as circunstâncias não eximiam alguns personagens da responsabilidade em ajudar o próximo em amor.

2.2.2. O perfil dos personagens

2.2.2.1. O viajante, um necessitado

O viajante que passava por ali estava só, sua nacionalidade não é citada, mas poderia ser um judeu, samaritano ou algum estrangeiro. O que se evidencia como hipótese mais provável era de que o viajante deveria ser um judeu, pois era comum estes passarem

³⁹ BAILEY, Kenneth. **As parábolas de Lucas**. São Paulo: Vida Nova, 2005.

m por esse caminho devido às frequentes cerimônias no templo em Jerusalém. “Um auditório judaico naturalmente presumia que o viajante era judeu”⁴⁰. Ele também não tinha um nível social elevado, visto que andava só pelo caminho. Provavelmente este viajante lutou com os salteadores, pois estava muito ferido ao ponto da narrativa dar-lhe como um semi morto ou meio morto. “Semi morto conforme o texto, é equivalente a uma categoria rabínica de ‘próximo à morte’, que significa ‘a ponte de morrer’”⁴¹. “Ele é espancado, despojado de tudo e deixado ‘moribundo’”⁴².

2.2.2.2. A pureza e a santidade do sacerdote

O sacerdote era um servidor do templo sua função era sacrificar para Deus holocaustos. “Ele tinha o poder de oferecer vítimas a divindade”⁴³. A santidade ou pureza desse personagem deveria ser mantida. Por esta razão não poderia jamais se misturar ou tocar em coisas que o judaísmo considerava imundo. Sua importância no cenário religioso, sua posição de destaque e sua função eram tidos como essenciais e prioritários na vida de um sacerdote. Não é de se estranhar certas condutas de alguns destes em circunstâncias que exijam a quebra de algum regulamento mosaico. O título de sacerdote, no tempo de Jesus, elevava o ego dos mesmos, pois eram tidos como superiores por serem os “intermediadores entre Deus e os homens”. O. S. Boyer dá uma dimensão de quem eram os sacerdotes e sua função no A. Testamento:

A ideia fundamental de sacerdote é dum mediador entre Deus e o homem. O sacerdote apresentava-se entre o homem e Deus, como na verdade aparece o profeta entre Deus e o homem. O sacerdócio atestava a vida pecadora do homem, a santidade de Deus; e por consequência a necessidade de certas condições, para que o pecador pudesse aproximar-se da divindade. O homem deveria ir a Deus por meio dum sacrifício, e estar perto de Deus pela intercessão.⁴⁴

Nós vemos nos relatos da parábola, um sacerdote que se distanciou de um necessitado por causa de suas obrigações litúrgicas. A motivação de sua atitude era justificada

⁴⁰ Ibid., p. 85.

⁴¹ Ibid., p. 85.

⁴² Ibid., p. 85.

⁴³ BOYER, O. S.. **Pequena Enciclopédia Bíblica**. São Paulo: Vida Nova, 1995, p. 555.

⁴⁴ Ibid., p. 555.

pela lei mosaica que o proibia de tocar em um morto (Lv 21:1). Se tocasse nele ficaria impuro por um período de tempo, o que o eximiria de realizar sacrifícios. Outro fator que deve ser levado em consideração, era que o processo de purificação era demorado e despendiam muitos recursos, como também, havia a desmoralização da sociedade pelo fato de o mesmo estar na condição de “impuro”. Isso nos leva a concluir que o sacerdote se interessava mais nas práticas religiosas do culto do que ajudar um homem ferido e necessitado. Outra possibilidade é levantada por Leon L. Morris em seu comentário sobre o Evangelho de Lucas: “É possível que outros valores tenham tido valor para ele, tais como: a possibilidade que os salteadores voltassem, a natureza dos seus deveres, e assim por diante”⁴⁵. Se observarmos na ótica contrária ao movimento, ou seja, o sacerdote voltando para casa depois de ter cumprido suas obrigações no templo, veremos que na lei de Deus a misericórdia é requisito fundamental seja para o estrangeiro (Lv 19:13) ou, até mesmo, para o inimigo (Ex 23:4, 5; 2Rs 6:8-23). Diante disso, era obrigação do sacerdote ajudar a quem necessitado.

Herbert Lockyer nos dá uma contribuição a esse respeito:

Esse saudável e despreocupado sacerdote, um servo da lei obrigado a agir com misericórdia até para com um animal (Êx 23:4,5). Temos aqui um homem que dizia abertamente ser consagrado a Deus e, nesse exato momento, estava a caminho de casa, após ter cumprido o seu turno no serviço do templo. É claro que, após as suas orações e sacrifícios, ele será misericordioso para com o homem que dolorosamente precisava de misericórdia. Porém esse líder espiritual, que era um dos 12 mil sacerdotes os quais viviam em Jerico naquela ocasião, evidentemente tinha deixado Deus no templo e não tinha tempo nem compaixão pelo seu desafortunado companheiro judeu. Talvez ele estivesse demasiadamente apressado para chegar em casa, a fim de cuidar de seus outros interesses.⁴⁶

Mesmo fazendo levantamentos de hipóteses, isso não eliminaria o fato do sacerdote ter deixado o homem onde estava, no seu sofrimento, sua dor e sua necessidade.

2.2.2.3. O levita e suas obrigações litúrgicas

⁴⁵ MORRIS, Leon L. **Lucas - Introdução e Comentário**. São Paulo: Vida Nova, 2003, p. 179.

⁴⁶ HERBERT. Op. Cit., p. 333.

Proibidos de servir como sacerdotes, privilégio reservado, sob pena de morte, aos filhos de Arão (Nm 3:10), os levitas foram dedicados a um ministério de auxílio aos sacerdotes. A função dos levitas é simbolizada pelos rituais da purificação e dedicação. O serviço dele começava quando atingiam a idade de vinte e cinco anos, e continuavam a servir até os cinquenta anos.⁴⁷

Os levitas ajudavam os sacerdotes nos serviços do templo. Eles tinham a responsabilidade de zelarem e organizarem tudo que fazia parte do templo (limpeza do altar, utensílios etc.) e todas as cerimônias que lá ocorriam, principalmente as que tangiam os sacrifícios. A responsabilidade do levita era muito grande. Para ele os cultos, as cerimônias e as celebrações judaicas resumiam a sua conduta perante Deus. Outro fator a mencionar era que os levitas eram funcionários do templo, eles ganhavam os seus salários para realizarem a manutenção do mesmo.

O levita da parábola não se arriscaria a ajudar um viajante, pois, assim como o sacerdote, não queria se contaminar. Os levitas eram representantes do povo e por isso tinham que demonstrar ou dar um testemunho condizente a sua função. O viajante, para o levita, não passava de um estrangeiro. Sendo assim, o levita se negligenciou a ajudar o viajante por causa de sua função, pureza e etnia.

2.2.2.4. O exemplo dado pelo samaritano - uma adoração prática

Os judeus não se comunicavam com eles. Os judeus não os consideravam uma raça pura e não admitiam serem pertencentes à nação santa. Os judeus não gostavam dos samaritanos por quebrarem as leis cerimoniais do judaísmo. Os judeus criticavam os samaritanos por terem o monte Gerizim como o lugar santo para a realização dos cultos a Deus. Enfim, o samaritano, aos olhos dos judeus, eram aqueles que desagradavam ao Senhor e que deturpavam a Sua lei. E por isso deveriam ser hostilizados pela sociedade judaica.

Mas, como podemos analisar na parábola, a atitude do samaritano foi a que mais se aproximou de uma adoração genuína a Deus. Essa adoração não se importou com leis, estatutos ou regulamentos, mas com o amor demonstrado na prática. O samaritano era o

⁴⁷ SHEDD, R. P. **O Novo Dicionário da Bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 1981, p. 1426 -1427.

único que, pelo contexto social, tinha plenas condições de abandonar aquele homem, pois se tratava, possivelmente, de um judeu, um dos que o odiavam. Retomamos ao que já foi descrito anteriormente. A adoração genuína está diretamente associada ao ato de servir. E este serviço deve ser regido pelo amor, o qual vai além das emoções, é prático. Até mesmo os itens utilizados pelo samaritano para curar as feridas do viajante, tiveram mais efeito positivo, se tratando de adoração, que se utilizados nas cerimônias do templo. Isso nos leva a refletir sobre as nossas práticas religiosas. Kenneth Bailey afirma que: “o óleo e o vinho não eram remédios que comumente se usavam para prestar primeiros socorros. Eram isto sim, elementos sacrificiais na adoração no templo”⁴⁸. Será que estamos, realmente, adorando a Deus?

3. A REALIDADE DO CULTO ATUAL E OS DESAFIOS NA APLICAÇÃO DO MODELO BÍBLICO

⁴⁸ BAILEY. Op. Cit., p. 95.

Ao lermos o texto de Lucas 10. 30-36 vislumbramos um exemplo de compaixão e amor de um samaritano que não mediu esforços para ajudar o próximo. Em contrapartida nos decepcionamos com os atos de descaso de um sacerdote e um levita. Esta parábola tem muito a nos ensinar. Jesus Cristo a deixou com o objetivo de vivermos aquilo que ela nos ensina.

A igreja atual tem o dever de seguir o modelo Bíblico de adoração, embora já haja uma confusão de entendimento acerca da aplicação do mesmo. O desafio para a comunidade cristã é quebrar certos impedimentos e paradigmas que estão enraizados na mente e nas ações da mesma. Romper com o que, ao longo do tempo, se tornou tradição e comodismo.

3.1. CONTEXTUALIZANDO LUCAS 10: 25-37 PARA NOSSOS DIAS

A grande dificuldade de se compreender o termo adoração está na mentalidade limitada que as pessoas têm do mesmo. De acordo com o pensamento atual, a adoração restringe-se a um local, uma determinada forma e um período de tempo. Hoje é comum as pessoas associarem o momento do culto litúrgico ao único e exclusivo momento de adoração a Deus. O louvor e o levantar das mãos se tornaram a ferramenta principal ou única de expressão da adoração.

3.1.1. Os religiosos (sacerdote, levita, doutor da lei) dos nossos dias. Quem são eles ?

Hoje, como no passado, existe uma presença muito forte e constante de pessoas possuidoras de perfis parecidos com os do sacerdote, levita e doutor da lei. Essas pessoas estão presentes nos cultos litúrgicos, estão inseridas nos templos, vivem suas vidas, aparentemente, corretas. Elas estão na zona de conforto da religião, onde não há espaço, nem tempo para se dedicar as pessoas que estão pelo mundo carecendo de um auxílio.

A religiosidade está tomando lugar nos corações e nas atitudes das pessoas. Assim como o sacerdote, existem membros de igrejas que não se preocupam com a situação humana degradante que a sociedade vive. Nesta realidade surge a presença de homens como o viajante da parábola. São pessoas que estão sedentas de auxílio ou ajuda física, fi

nanceira, emocional, psicológicas, afetivas, etc.. Russel Shedd diz que A experiência e a reação de Jesus, durante os dias da Sua jornada na terra diante dos rituais judeus, deve nos fazer parar e refletir. Assim, a vontade de Deus foi exteriorizada. Jesus avaliou o ritual meticuloso como hipocrisia, um exemplo de vã adoração.⁴⁹

Hoje vemos um fluxo muito grande de pessoas adentrando aos templos religiosos. A motivação dessas pessoas está em receber a dádiva de Deus, assim como o doutor da lei almejava receber a vida eterna. Outros, por sua vez, dedicam-se ao máximo na participação dos cultos, envolvendo-se nas organizações da igreja, interagindo nas cerimônias, sendo integrante do grupo de louvor, etc.. Essas obrigações limitam as suas ações de amor e serviço há um local e a um grupo. Era isso que os sacerdotes e levitas faziam. Eles estavam tão envolvidos no mundo religioso que se esqueceram da verdadeira religião, a qual está alicerçada no amor a Deus e ao próximo.

3.1.2. Os homens caídos dos nossos dias. Quem são e o que fazer com eles.

Na realidade em que nós vivemos há inúmeras pessoas envolvidas na miséria física e espiritual. Estas estão por aí: perdidas, desoladas, tristes, abatidas, angustiadadas, enfermas, a beira da morte. Essas pessoas são os viajantes caídos no caminho, os quais são esquecidos e abandonados por outros que trilham o mesmo caminho. Nós, como servos do Senhor, temos o dever de ajudar o “homem semi morto”. Estes “viajantes” estão por toda parte, esperando a quem o ajude.

3.2. AS CONSEQUÊNCIAS DE UMA ADORAÇÃO SEGUNDO A PARÁBOLA DO BOM SAMARITANO

3.2.1. Na sociedade, na igreja e para com Deus

⁴⁹ SHEDD, Russell P. **Adoração Bíblica**. São Paulo: Vida nova, 2003.

A sociedade atual, assim como no passado, tem sofrido grandes ataques do maligno. Há uma grande tendência por parte das pessoas em abandonar as práticas cristãs. A Igreja do Senhor tem a responsabilidade de ser um exemplo no mundo que está em trevas. Quando os crentes sabem a respeito das Santas Escrituras, mas não vivem o que conhecem, deixam de ser uma luz forte e intensa. O testemunho dos cristãos deve ser preservado e cultivado nos corações e nas práticas dos mesmos. Quando o povo de Deus atua como o samaritano agiu para com o viajante, a sociedade consegue enxergar a presença de Deus e, com isso, ser envolvida por este amor. Já no âmbito congregacional, o amor quando exercido de tal forma, produz uma comunhão agradável a Deus, pois, ali, existe o amor. E o mais importante de tudo é que o nosso relacionamento com Deus se intensifica a partir do momento em que o adoramos de tal maneira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema adoração ganhou vários e diferentes contornos ao longo da história. Com um olhar aguçado podemos perceber que as manifestações de culto a Deus tiveram seus

momentos de sinceridade e temor a Ele, mas, por outro lado, presenciou-se expressões vãs de adoração. Com esse retrospecto, chegamos nos dias atuais com as mesmas nuances, ou seja, erros e acertos presentes no comportamento do adorador. Embora essa realidade seja evidente, uma coisa permanece. A palavra de Deus, que nos orienta e direciona, está, a todo momento e instante, falando conosco e nos conduzindo ao centro da vontade de Deus. Não basta apenas reter o conhecimento Bíblico, mas praticar o que nós sabemos, pois “mas que conhecer e falar é experimentar e viver”.

A parábola do Bom Samaritano é um exemplo vivo de amor prático. Este amor, que sentimos falta nos dias atuais, é a maneira mais pura, sincera e verdadeira de se adorar a Deus. Sendo nós, servos do Senhor, temos o dever de nos posicionarmos como instrumentos de Deus para Sua glorificação. Isso acarretará a nós a responsabilidade de sermos agentes de transformação, testemunhos vivos, exemplos de cristãos. As nossas ações ou comportamentos, como também, nossas intenções do coração determinarão quem seremos na vida terrena.

Cabe a nós como cristão acatarmos todo o ensinamento do mestre Jesus Cristo. Se e nos auto consideramos seguidores e discípulos Dele, o mínimo que nós podemos fazer é seguir os seus passos e exemplo, embora sejamos falhos pecadores. É amar como Ele amou e servir como Ele serviu. Adorar a Deus é viver para amar a Ele de todo o nosso coração, alma, força, mente e também amar os necessitados (o nosso próximo) como a nós mesmos.